



Director literario:
Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Albuquerque
PAPUSSE

A SOGRA AÇAIMADA



*Felizmina — ilustre sogra
De José Pombinho Tenro —
Muito raras vezes logra
Ficar a sós com seu genro.*



*Mas com rosinhas no «quico»
Toda triques, prazenteira
Vai com êle e o neto Chico
Ao Jardim Sã da Bandeira.*



*Encostada a um tapume
Com seu genro conversava;
Mas, na forma do costume,
A descompô-lo berrava.*



*Chico, entretanto, a caçar
Borboletas cõr de lume,
Nisto vê uma poisar
Sobre as rosas do tapume.*



*Pega, então, na caçadeira,
Feita de rêde miudinha
E atira-a sobre a roseira
Com toda a força que tinha.*



*Porém — quem é que diria! —
Viu-se um genro à gargalhada
Ao ver, como tanto qu'ria,
A sua sogra açaimada.*



OS OVOS DE OIRO

CONTO POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez um galo que vivia muito desgostoso por lhe faltar o seu mais lindo ornamento, que era a crista, a crista que todos os galos tinham. O galo era alvo de grandes troças de toda a criação da capoeira. Ora havia na capoeira um pintinho amarelinho que, por ter dó do galo sem crista, se revoltou contra toda a criação que se ria do pobre galo.

— Não é bonito que façam troça do galo só por não ter crista, pois ele não é culpado. Bem basta a sua tristeza para o afligir, disse o pintinho. Todos concordaram e não se riram mais do galo sem crista. Este, muito reconhecido, agradeceu ao pintinho amarelinho e prometeu-lhe que nunca havia de ser degolado para se fazer canja, que só morreria de velhice.

O pintinho, que afinal não era pintinho mas sim pintinha, foi crescendo, foi crescendo, até que chegou a ser uma linda frangainha. A tia Anicas do Zé Martins, dizia a toda a gente que não havia no mundo uma frangainha tão bonita como a sua. E era verdade! A frangainha era a única sua alegria. Um dia o galo sem crista, chamou de parte a frangainha e disse-lhe: Afinal o meu prometimento não tem valor algum. Eu tinha-te prometido que não morrerias degolada como todas as frangas e galinhas da capoeira.

Mas tu és a mais linda frangainha, a tia Anicas tem-te muito amizado e não te degola, portanto fica sem valêr o que te prometi. A tia Anicas espera que tu chegues à idade

de pôr ovos para lhe dares frangainhas bonitas como tu, que lhe rendam bom dinheiro.

Portanto vou dar-te o condão de pôres ovos de ouro, para assim te mostrar a minha gratidão, pois foste tu que me livraste das arruaças dos nossos companheiros de capoeira.

E assim foi. A frangainha bonita, chegou à idade de pôr ovos. Uma manhã a tia Anicas depois de vir da praça carregada de couves, que vendia lá no lugar, foi à capoeira tirar

os ovos. O seu Zé Martins andava um pouco fraco e precisava de gemadinhas. A tia Anicas ficou muito contente porque encontrou muitos óvos na capoeira.

— Meu Zézinho, meu Zézinho, vou fazer-te uma gemadinha com leite de cabrinha branca, que é muito bom!?

— Oh! minha amiguinha, eu já estou quasi bom, faz para ti a gemada, que bem precisas. Trabalhas muito e precisas de alimento forte; olha que podes adoecer e depois temos que pagar a quem vá buscar a hortaliça à praça.

— Sim, mesmo eu não posso continuar a ir à praça; como possuímos algum dinheirinho junto, vamos comprar um burrinho, que temos muito que lhe dar a fazer. O burrinho, vai à praça, o burrinho vai à erva para os coelhos, o burrinho vai acarretar água. Enfim, o burrinho é uma bela aquisição.

— Tens razão ó Anicas, eu tenho sido mau para ti; não te tenho poupado, mas também lhe vimos os resultado, já



aumentamos a nossa casinha com o produto do nosso honrado trabalho.

— Isso é verdade, mas agora vamos descansar um pouco; depois de termos o burrinho, já não trabalharei tanto.

E, abraçaram-se muito contentes.

— Olha, Zé, estou muito admirada da galinha bonita ainda não ter começado a pôr!

— Foste hoje ver o seu caixote?

— Fui, sim, está lá deitada.

— Talvez esteja a pôr...

— Deus queira que sim.

— Vai lá espreitar, mas não a espantes.

E a tia Anicas lá foi.

Chegou à capoeira e ficou admiradíssima porque viu no caixote da galinha bonita, um ovo amarelo! Pegou nêle e mais admirada ficou porque o ovo pesava muito. Foi, doida de alegria, correndo para junto do seu Zé, a mostrar-lhe o ovo amarelo. O Zé Martins que é finório, logo viu que o ovo era de fino oiro!

Calaram-se muito caladinhos e foram à cidade vender o ovo a um ourives, que lhes deu por êle boas moedas de prata.

A tia Anicas comprou umas belas arrecadas de oiro que foram a inveja das más visinhas,



Quando a galinha bonita pôs o segundo ovo de oiro, o Zé Martins comprou um burrinho e uma carrecita, e a tia Anicas já não vinha da praça carregada de couves. O seu Zé mandou construir no quintal um jogo; — o jogo da laranjinha.

A galinha bonita continuou a pôr ovos de oiro, e o Zé Martins já não fazia caso do jogo. Agora era todo da sua amiguinha. Eram eles o casal mais feliz lá do lugar, e bem o mereceram ser porque foram sempre muito boas criaturas.

A galinha bonita e o galo sem crista, viveram o resto dos seus dias numa capoeira separada, e por fim morreram, estando agora embalsamados em casa da tia Anicas e do seu Zé Martins.

F I M

CORRESPONDENCIA

Maria Adélia Rosado — Espera a vez. Um beijinho.

José Duarte — Também gostei imenso da tua história, mas por enquanto não posso dizer nada.

António Joaquim Batista e José Manuel das Dôres — A construção que me pedem podia fazer-se, se o papel do Pim-Pam-Pum fosse outro.

Nelita e Bêbé — Serão atendidas logo que possa.

Um grande beijinho.

Maria Lucinda — A sua história está muito bem feita, mas não tem interesse para as crianças.

Concorda comigo?

Maria Angela T. Oliveira — A história está muito frágilinha. A menina um pouco melhor, mas fóra das condições. Faz outra?

Maria do Carmo T. dos Santos — Vou ilustrar a sua história. Valeu?

César Frederico — Hei-de pensar no teu pedido. Um aperto de mão.

Francisco Jesus da Fonseca — O teu desenho que é muito interessante, está feito a lápis e tão sumido que é impossível publicá-lo.

TIOTÓNIO

**BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM!**

Estão ainda à venda os ultimos exemplares do
PÁ-TÁ-PA

LINDAS POESIAS PARA OS MENINOS
ESPERTOS RECITAREM

BREVEMENTE

IV VOLUME
LANTERNA MÁGICA

Contos por JOSÉ S. RAU
Ilustrações de Eduardo Malta

Pedidos à Administração de «O SÉCULO»
Rua do Seculo, 59 — LISBOA

PREÇO DE CADA VOLUME: 4 Escudos para os assinantes do SÉCULO. Não assinantes 5 escudos

A MELHOR COLEÇÃO DE LIVROS PARA AS CRIANÇAS

HISTORIA duma PRINCESA QUE NÃO QUERIA APRENDER A LER

CONTO POR
MARIA ROSA RÉSEDA'

DESENHOS DE
EDUARDO MALTA

ERA uma vez uma princesa tão formosa que lhe chamavam Rosa-Linda. Viviu com seus pais, o valente rei Tancredo e a boa rainha Dalila, num lindo palácio cheio de riquezas deslumbrantes. Muito mimada, pois era filha única, Rosa-Linda tinha tudo quanto queria; bas-

debalde os melhores mestres lhe traziam livros com lindos desenhos pintados, para ver se assim conseguiam tornar-lhe a lição mais agradável; tudo em vão! Rosa-Linda bocejava, bocejava, acabava por adormecer ou, então, fingia que se sentia doente. Arranjava sempre qualquer pretexto para não dar as lições. O rei e a rainha viram-se na necessidade de a castigar, de a privar do que ela mais gostava, mas de nada servia porque a princesinha não se emendava.

O velho conselheiro da Corte, D. Bonifácio, de longas barbas brancas e lunetas encavalitadas no nariz muito comprido, convencera-se que só ele conseguiria que a princesinha aprendesse a ler. O velho conselheiro trazia sempre a cobrir-lhe a cabeça, polida como um espelho, um barretinho de seda preta, com uma borla azul no cimo.

No primeiro dia em que o velho conselheiro se apresentou com um grande livro debaixo do braço, a princesa recebeu-o com uma cara tão séria e parecia tão dócil, que D. Bonifácio se iludiu. Sentou-se junto de Rosa-Linda e a lição começou. A princesa fingia que prestava muita aten-



tava a princesinha formular um desejo, para seus pais não descançarem um momento enquanto não satisfizessem o seu novo capricho. Rosa-Linda sentia-se muito feliz; (seria para admirar se sucedesse o contrário) as suas gargalhadas cristalinas ressoavam pelo palácio a toda a hora, e a sua voz muito maviosa cantava como um rouxinol. Mas como não há felicidade completa, quem reparasse bem no rei e na rainha, via logo que eles tentavam ocultar algum desgosto, porque, cada vez que contemplavam a filha, uma névem de tristesa lhes toldava os simpáticos rostos.

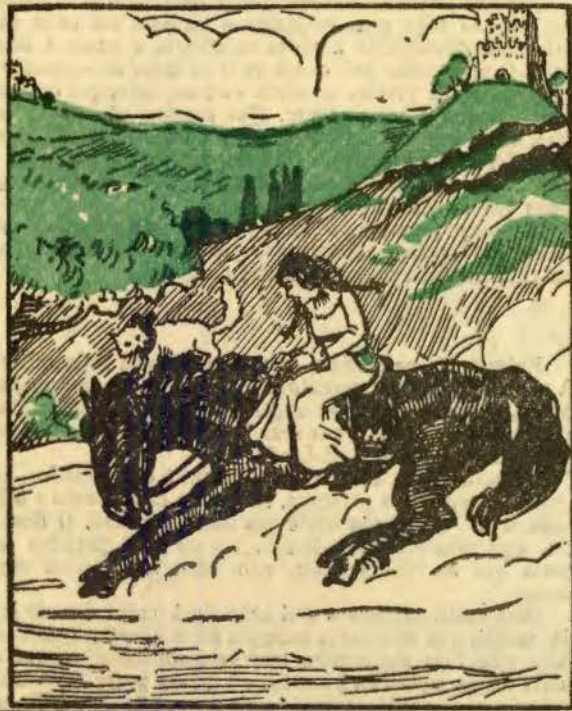
Rosa-Linda que contava já 16 anos de idade, ainda não sabia ler. Imaginem os meus meninos que vergonha! nem sequer conhecia a primeira letra do alfabeto. Não julguem os meninos que a princesa fôsse pateta, pelo contrário, era até inteligentíssima, mas sentia uma tal aversão pelas letras que não havia nada que a fizesse mudar de resolução.



ção e, sem que ele reparasse, ia-se entretendo a apanhar moscas. De repente teve uma idéia diabólica e vendo o conselheiro, muito entretido, inclinou sobre o livro a ensinar-lhe as vogais e as consoantes, com a sua voz fanhosa, deu um piparote no barrete que foi parar ao meio da sala, tirou-

lhe as lunetas e, puxando-lhe as barbas, fugiu para o jardim, rindo às gargalhadas. O pobre D. Bonifácio que estava longe de esperar aquele assalto, ficou muito escandalizado com a falta de respeito da princesa e nunca mais tentou ensiná-la.

Rosa-Linda tinha um lindo gato de que ela muito gostava, de raça «angora», chamado Malú, de pêlo sedoso e comprido, cõr de chumbo e olhos verdes-esmeralda, que scintilavam como estrelas. Malú era o companheiro inseparável de Rosa-Linda que o tratava como um príncipe. A sua



cama era uma fôfa almofada forrada de seda cõr de rosa; bebia leite numa rica taça de prata e tinha um cosinheiro só para êle que lhe preparava os melhores manjares. Mas apesar de ter tanto mimo Malú não era nada impertinente e por isso todos gostavam dêle. E para maior vergonha de Rosa-Linda, Malú que era muito inteligente, conhecia todas as letras do alfabeto à fôrça de as ouvir ensinar à princesa. Muitas vezes, quando Rosa-Linda estava indolentemente reclinada num sofá, sêm fazer nada, Malú saltava para cima da mesa e, agarrando com os seus dentinhos agudos o livro de leitura, ia pô-lo sôbre o regaço da princesa. Depois, com a sua patinha peluda, apontava-lhe as letras enquanto os olhos muito espertos se fixavam em Rosa-Linda como para lhe dizer: — Vamos... aprende.

As primeiras vezes a princesa achou-lhe graça mas por fim aborreceu-se e um dia, num ataque de mau gênio, zás!... atirou com o livro ao focinho do pobre Malú que, muito triste, se foi enconder a um canto. E também como D. Bonifácio, nunca mais Malú ousou repetir a façanha. Um dia estavam o rei e a rainha sentados no terraço, conversando àcerca da teimosia da filha e desolados porque nada conseguiam, quando, de repente, viram diante de si, uma graciosa figurinha de mulher, vestida de brocado, com lindos caracois de ouro que caíam sôbre o pescoço branco de neve.

— Sou a Fada do Trabalho, disse ela com uma voz muito harmoniosa. Fez-me pena vê-los tão tristes e por êsse motivo venho consolar-vos. A vossa filha aprenderá a ler, mas para que isso suceda terá que sofrer muito e derramar muitas lágrimas. Com a minha varinha de condão podia, de um instante para o outro, fazer com que ela soubesse ler, sem trabalho. Mas como não acho isso justo, terá que aprender à sua custa para castigo de ser tão preguiçosa. Adeus e tendê esperança.

E a fada desapareceu. Tancredo e Dalila ficaram mais consolados, mas não falaram à filha na aparição da fada.

Uma tarde, Rosa-Linda lembrou-se de ir dar um passeio e, pedindo licença aos pais que nada lhe recusavam, man-

dou preparar o Sultão, um lindo cavalo árabe, que, comp Malú, era o seu preferido. Instantes depois atravessava a cidade a galope, levando consigo o sr. Malú, muito satisfeito porque era perdidinho por êsses passeios.

Saindo da cidade, a princesinha meteu por uns atalhos e largando as rédeas, deixou Sultão caminhar à sua vontade.

Estava-se na Primavera e a atmosfera era tão suave que Rosa-Linda respirava com delícia o ar são e perfumado do campo. Uma brisa ligeira acariciava o lindo rosto rosado da princesa e os passarinhos, como que a saudá-la, romperam num alegre concerto, salientando-se os maviosos trina-dos dos rouxinóis. Rosa-Linda fez parar o cavalo e que-dou-se a contemplar a Natureza, tão cheia de encantos.

Doiradas abelhas beijavam as flores viçosas, levando-lhes o suco com que haviam de fabricar o delicioso mel, que os meninos tanto apreciavam, e as borboletas multicôres esvoaçavam, graciosas e elegantes, em torno da princesa. O sol resplandecia, deixando por toda a parte grandes manchas de ouro e os ribeirinhos rebrilhavam como prata. Rosa-Linda pôs-se outra vez a caminho e embrenhou-se num bosque.

Um pouco cansada desceu do cavalo e deixando-o à solta, sentou-se no chão, encostou a cabeça a uma frondosa árvore e, daí a momentos, dormia profundamente acompanhada por Malú que enroscado no colo da dona, fazia ouvir o seu ron-ron. Quando acordou ficou admirada ao vêr que o sol se tinha pôsto e que a noite começava a cair envolvendo a terra no seu manto negro.

Assustada por se encontrar sósinha naquele bosque sombrio, levantou-se para montar a cavalo, mas não o viu.

Chamou por êle, procurou-o por toda a parte, tudo em vão; não havia dúvida que o Sultão desaparecera, pois assim que ouvia a voz da dona costumava acorrer logo ao seu chamamento. Rosa-Linda vendo que eram infrutíferas as suas pesquisas, pôs-se a caminho, seguida de Malú.

Depois de andar algum tempo, constatou com terror que se tinha perdido. Então, voltou para o bosque, disposta a passar ali a noite, até que seus pais, vendo a demora, a mandassem procurar. Malú que era muito comodista não ficou nada satisfeito, mas não teve outro remédio senão



conformar-se. Nisto, Rosa-Linda viu perto de si, uma velhinha encostada a um cajado, com um grande feixe de lenha às costas. A princesa muito contente por já não estar só, acercou-se da velha e perguntou se ela lhe saberia indicar o caminho para o palácio.

— Ah! A menina perdeu-se, disse ela com voz trémula, então venha comigo, que eu lhe ensino; também tenho de ir à cidade e é-me muito agradável ter, por companhia, uma princesa tão linda.

(Continúa na página seguinte)

História duma Princesa que não queria aprender a ler

(Continuação da página anterior)

Rosa-Linda estava tão contente, que nem reparou que um clarão de feroz alegria passára pelos olhos da velha.

Andaram, andaram, e a princesa já começava a estranhar o caminho, quando chegaram junto de uma espécie de rocha negra. Muito admirada, Rosa-Linda ia perguntar à velha o que era aquilo quando, súbitamente, ouviu perto de si, umas gargalhadas diabólicas, que a fizeram estremecer.

— Ah! ah! ah! casquinou a velha que se tornára num ente horrível. Foste enganada, minha bela princesa, treme ao ouvir o meu nome, porque vais ficar horrorizada.

Caíste nas garras da Bruxa Serpentina e nunca mais sairás do meu poder, Jurei vingar-me de teu pai porque não me quizes aceitar para dama da rainha, tua mãe. Nesse tempo ainda eu era nova e ele teve o descaramento de dizer que o meu rosto era tão feio que meteria medo à rainha. Desde então fiquei-lhe com um ódio mortal e esperei pacientemente a ocasião de me vingar. Chegou enfim esse ambicionado dia e a minha vingança será terrível. O teu lindo rosto tornar-se-há tão horrendo como o meu, a tua figura esbelta vai ficar igual à minha. Depois, levantei a teu pai e o meu regosijo não terá limites ao presenciarem o seu atrás desespêro. A vingança da Bruxa Serpentina, há-de ser terrível. Ah! ah! ah!

Era tal a alegria da velha que já se rolava pelo chão em convulsões de riso. Depois, tendo desabafado o seu ódio, bateu com o cajado numa parte da rocha, que imediatamente se abriu, deixando ver uma abertura negra que dava entrada à caverna onde habitava a bruxa. Serpentina empurrou a princesa para o buraco e tocando de novo na rocha, esta se fechou. Rosa-Linda, que como os meninos podem calcular, estava tranzida de medo, soltou um grito estridente ao sentir roçar-lhe pelas pernas, uma coisa mole, que dava assobios.

Era uma enorme serpente cujos olhos brilhavam como carbúnculos. Mas não ficou por ali o terror da princesa. Uma raposa magríssima, ao ver Rosa-Linda, quiz saltar-lhe em cima e foi preciso a bruxa bater-lhe com o cajado para ela se aquietar. Empoleirada num banco, uma coruja soltava o seu pio agourento e numerosos sapos infestavam a imunda caverna. Tal era a moradia da Bruxa Serpentina, onde Rosa-Linda estava condenada a passar o resto da sua vida e a sofrer os maiores tormentos.

A primeira coisa que a bruxa fez foi tirar-lhe o seu lindo vestido e as suas roupas finas e cobri-la de farrapos, que deitavam um cheiro nauseabundo. Pegando numa vasourinha entregou-lha dizendo:

— Vamos, minha preguiçosa, toça a trabalhar. Não julgues que te encontras ainda no teu sítio palácio, onde passavas os dias sem fazer nada. Varre-me a caverna e bem, senão:—vais para a cama sem ceia.

E Rosa-Linda que nunca na sua vida tinha feito semelhante serviço, apressou-se a obedecer. A ceia compunha-se de uma água negra onde boiavam (imaginem os meninos que nojo) ratos! Ratos cortados ao meio, sem ao menos serem esfolados. Rosa-Linda não quiz comer, o que

fez soltar nova gargalhada à bruxa, e, como a cama era apenas a lage fria da caverna, aí se deitou, tendo por única cobertura um imundo farrapo.

Pobre Rosa-Linda! O que ela sofreu comoveria os corações mais duros. As lágrimas foram tantas, tantas, que não tinha mais para derramar. E Malú? O que seria feito de Malú? Quando fôra o encontro da velha com Rosa-Linda, Malú suspeitando de algum perigo, seguira-as sem ser visto pela bruxa. Mas em lugar de entrar na caverna, ficara de fôra esperando os acontecimentos. No dia seguinte a bruxa mostrou à princesa, gravadas na rocha, umas letras e disse-lhe:

— Estas letras seriam um perigo para mim se soubesses ler, porque logo que as lêsse e tocasses em cada uma delas, imediatamente a porta se abriria e terias a liberdade. O meu poder não chega para as fazer desaparecer e, por isso, antes prefiro encantar os meus inimigos em animais porque é mais seguro. Mas contigo não se dá esse caso, visto que me fizeste o favor de não queres aprender a ler o que muito te agradeço, porque me privavas da alegria de te ver sofrer. Agora vai servir o almoço aos meus queridos auxiliares.

A pobre princesa, a tremer como varas verdes, com receio da raposa e da serpente que pareciam não simpatizar com ela, foi cumprir a ordem da bruxa.

Entretanto, no palácio a inquietação era indescritível. A noite caiu completamente sem que a princesa regressasse. Então, os pais temendo alguma desgraça, alvoroçados e aflitos, deram ordem aos seus criados e vassallos que partissem em busca de Rosa-Linda.

De madrugada estes voltaram muito desanimados, sem terem encontrado a princesa. A Rainha caiu doente e o Rei andava tão triste, tão triste que impressionava. O Bonifácio, que adorava Rosa-Linda, apesar das partidas sem conta que ela lhe pregára, não fazia outra coisa senão chorar.

Uma noite, estando o Rei sentado à cabeceira do leito da rainha que não havia maneira de melhorar, apareceu a fada que lhes disse para não se assustarem porque ela sabia do paradeiro da princesa e que, em breve Rosa-Linda voltaria para o palácio para nunca mais os deixar. A Rainha pôs-se logo boa e ambos esperaram confiadamente o regresso da filha adorada.

Na caverna da Bruxa Serpentina, a princesa continuava passando os maiores tormentos pois a diabólica velha todos os dias inventava novos suplicios. Rosa-Linda não só sofria fisicamente como também moralmente, porque cada vez que o seu olhar se fixava nas letras o desespero invadia-lhe a alma ao pensar que só por sua culpa é que não estava livre. E agora que era impossível, é que um desejo ardente de aprender a ler se apossara do seu espírito; envergonha-

(Continua na 8.ª página)

ADIVINHAS

(PROVERBIOS POR INICIAIS)

1.ª

$$\begin{array}{cccccc} H & H & A & M & Q & I \\ \hline 2 & 3 & 2 & 2 & 1 & 5 \end{array}$$

2.ª

$$\begin{array}{cccccc} Q & D & O & Q & T & A & P & V \\ \hline 1 & 1 & 1 & 1 & 1 & 1 & 2 & 1 \end{array}$$

3.ª

$$\begin{array}{ccc} T & E & D \\ \hline 2 & 1 & 3 \end{array}$$

Decifrações do número anterior:

- 1.ª — Não é amado quem só de si tem cuidado.
- 2.ª — Nem tudo que luz é ouro.
- 3.ª — Quem corre por gosto não cança.

VEJAM OS ME-

NINOS SE

DESCOBREM A

CARA

DO COMPADRE

DÊSTE SALOIO



HORA do RECREIO



UM AUTOMOVEL FEITO DE DUAS CARTAS DE JOGAR

Meus meninos:

Esta engenhoca é dedicada aos «so-
brinhos» miudos, porque é muito fácil
de fazer.

MATERIAIS

- 2 cartas de jogar ou papel forte.
- 2 fósforos ou palitos.
- Cola, etc.

MANEIRA DE CONSTRUIR

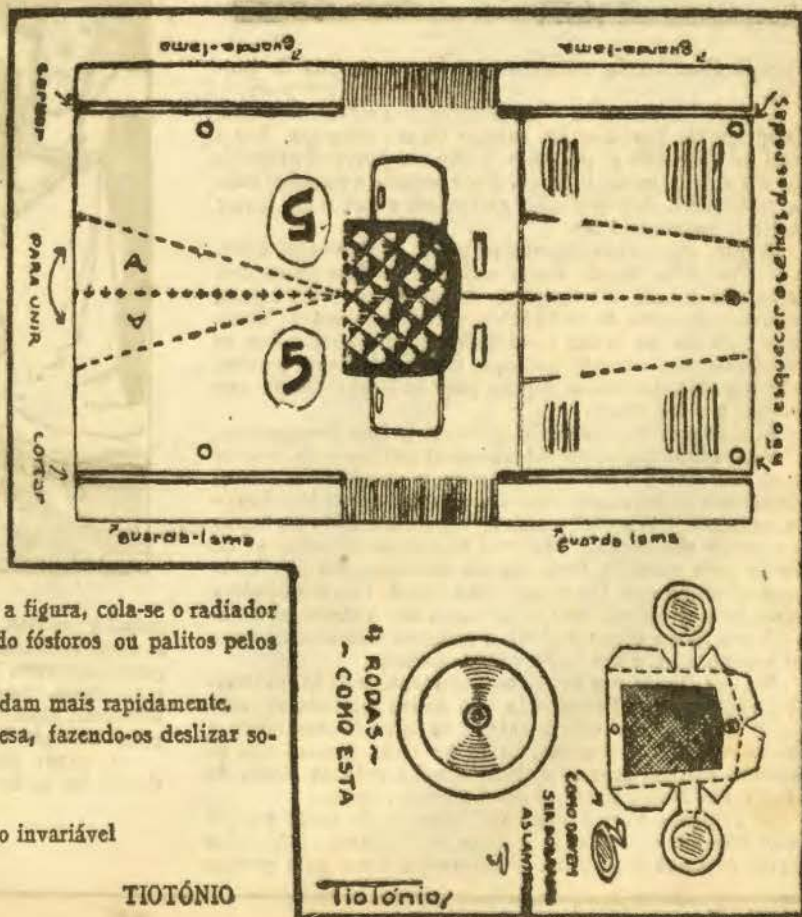
Recorta-se e desenha-se o automovel
numa carta de jogar, cartolina ou pa-
pel forte, como indica a gravura.

O assento é dobrado para dentro.
Para formar a parte trazeira do automove-
vel, unem-se as letras AA.

Dobram-se os guarda-lamas como indica a figura, cola-se o radiador
pelas patilhas e ligam-se as rodas espetando fósforos ou palitos pelos
buracos, como se fossem eixos.

Metendo-lhes um berlinde por baixo andam mais rapidamente.

Podem-se fazer corridas sobre uma mesa, fazendo-os deslizar so-
bre um cartão.



Vosso invariável

TIOTÓNIO

Historia duma Princesa que não queria aprender a lêr

(Continuação)

va-se da sua ignorância e arrependia-se de ter sido tão preguiçosa. Era um martírio pior que os tormentos que a bruxa lhe infligia.

Uma vez a velha saiu da caverna para ir buscar nova remessa de lenha, deixando a guarda da princesa confiada aos seus fiéis companheiros. Malú que já sentia muitas saudades da sua dona, aproveitou a saída da bruxa e antes que ela fechasse a porta já o nosso Malú se encontrava nos braços da princesa e esta radiante cobria-o de carícias. De súbito a caverna iluminou-se e apareceu ante os admirados



olhos de Rosa-Linda, uma graciosa figura vestida de brocado.

— Rosa-Linda, disse ela, já sofreste bastante e derrastaste muitas lágrimas em castigo da tua preguiça. Sou a Fada do Trabalho e, portanto, tenho um horror à preguiça que é a minha maior inimiga. Faço sempre o possível para dar cabo dela. Sei que estás emendada e que o teu maior desejo é aprender a lêr. . .

— Sim, sim, interrompeu a princesa, juntando as mãos.

— Pois bem. Sendo assim acabaram as tuas provações. Toma esta espada, e entregando-lhe uma minúscula espada de ouro, cravejada de brilhantes, a fada continuou: Basta tocar com ela na bruxa e nos seus companheiros e logo se transformarão no que tu quiseres; Em saindo daqui perderá todo o poder. Guarda-a depois para te lembrares do que sofreste por tua culpa.

E, acabando de dizer estas palavras, a fada desapareceu.

Rosa-Linda querendo experimentar a eficácia da espada, tocou com ela em todos os seus terríveis guardadores e imediatamente se transformaram em estátuas, segundo o desejo da princesa. Cheia de ansiedade esperou a volta da bruxa e, quando ela chegou, não teve tempo de se admirar de ver os seus animais tornados em estátuas, porque Rosa-Linda rapidamente lhe tocou com a espada transformando-a numa formiga de que deu cabo com o seu mimoso pêsinho.

Assim que a bruxa morreu, a princesa achou-se de novo no bosque, com o seu lindo vestido de sêda.

Na sua frente um mancebo, ricamente trajado, contemplava-a sorrindo. Rosa-Linda um pouco perturbada pela insistência daquele olhar, baixou os seus lindos olhos e soltou um grito ao deparar, caída no chão, (aposto que os meninos não são capazes de adivinhar) a pele de Malú, do desgraçado Malú. Então, o desconhecido, disse:

— Princesa Rosa-Linda, não estejais tão triste porque Malú não era outro senão o príncipe Formoso, este vosso servo. A bruxa Serpentina transformara-o em gato porque

êle lhe dissera que ela era muito feia, e Malú teve a boa sorte de arranjar uma dona tão formosa como boa. «O príncipe Formoso agradece reconhecido a gentileza e bondade com que sempre tratastes o nosso gato Malú. E' devido a vós que êle voltou à sua primitiva forma, porque, se não tivésseis morto a bruxa, o príncipe Formoso seria, toda a vida, gato. E agora aceitai o meu braço; quero ir entregá-vos a vossos pais.

Apanhou a pele de Malú e, ajoelhando-se aos pés de Rosa-Linda, entregou-lha pedindo que a guardasse como recordação. De repente, ouviu-se relinchar e logo, ao mesmo tempo, apareceu Sultão, que a bruxa encantara em árvore. Horas depois, davam entrada no palácio.

O rei e a rainha não se cansavam de beijar e abraçar a silha, delirantes de alegria. Rosa-Linda, antes de mais nada, quiz aprender a ler e tal desejo teve de se instruir que em pouco tempo já não havia mais nada para lhe ensinar. Mezes depois celebravam-se com grande pompa, os esponsais da princesa Rosa-Linda com o príncipe Formoso, que ficaram a viver no palácio.

E quando nasceu uma linda princesinha, escolheram para madrinha a Fada do Trabalho, que incutiu no espirito da real afilhada o horror à preguiça e o amor ao trabalho.

E agora, meus meninos, ouçam um conselho da vossa amiguinha. Não façam como Rosa-Linda porque é uma vergonha. Sempre que tiverdes de ir para a escola ou estudar as vossas lições, fazei-o com gosto e amor, porque se não quizerdes aprender, mais tarde é que tereis pena.

Lembraí-vos que se os pais de alguns meninos são ricos, e, portanto, não lhes faz falta o dinheiro que gastam, há outros que lutam com as maiores dificuldades, passam privações, sacrificando-se a todo o instante, para os pode



mandar ensinar. Bani a ignorância que só traz dissabores e acolhei a instrução com carinho, porque essa vos trará gostos inefáveis. Bem sei que às vezes a preguiça aconselha o contrário, mas como não devemos escutar os maus conselheiros, chamemos a diligência em nosso auxílio e a preguiça terá que bater em retirada, vencida em toda a linha.

«O saber não ocupa lugar» e «aprender até morrer» devem ser as divisas de todos aqueles que se prezam.

F I M